

MODALIDADE DO RESUMO: EXPANDIDO
**ÁREA TEMÁTICA: SUBJETIVIDADES COLETIVAS,
MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR.**
CLASSIFICAÇÃO DO TRABALHO: DISSERTAÇÃO

LEI 11 645/08: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS CURRICULARES EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DO RECIFE DESDE O MITO DE MALUNGUINHO

Emeline Apolônia de Melo¹

Orientador: Rui Gomes de Mattos de Mesquita²

¹Doutoranda em Educação/UFPE. E-mail: emelini@hotmail.com

²Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: gomesdemattosdemesquita.rui@gmail.com

Resumo:

Introdução: Nossa pesquisa decorre de questões que se fazem frequentes em debates e discussões sobre o racismo com professores e colegas de profissão. Desta feita, nos preocupávamos sobre que outros discursos poderiam dialogar com o currículo escolar numa tentativa de romper com a hierarquia de saberes, contribuindo para a formação de “novas” subjetividades. Ao pensar em um currículo que esteja atento ao que escapa da lógica hegemônica, percebemos que sempre existirá algo que ele não irá abarcar e que está fora. E nesse caso, esse “está fora” é o que nos chama atenção atualmente para se pensar no potencial educativo do Mito. Há uma grande possibilidade de se forjar “novas” subjetividades através da abertura para novos campos discursivos, e essa possibilidade nos chama a atenção quando tratamos aqui de tais fenômenos. O mito traz consigo o potencial de inaugurar novas lógicas narrativas, e mesmo sendo ele tendencialmente hegemônico, articula como princípio de leitura a construção de novas formações discursivas dentro de um campo discursivo. Desta forma, lançamos o seguinte questionamento: Que princípios pedagógicos poderiam favorecer uma educação para as relações étnico-raciais que considerassem, efetivamente, os valores das matrizes civilizacionais africanas e indígenas? Nessa esteira, percebendo a necessidade de romper com as lógicas hegemônicas (Laclau, 2000) constitutivas de certa forma escolar (Canário, 2005), com o objetivo de sugerir princípios geradores de práticas curriculares que ampliem os horizontes de aplicabilidade da lei 11.645/08 desde os valores das matrizes civilizacionais supracitadas. Nesse sentido, consideramos que este é um diálogo fecundo e criativo, para nós educadores que, ao pensar na educação das relações étnico-raciais, podemos nos basear na experiência africana e indígena ressignificada no “Brasil” e, desde o Brasil colônia promover aos povos da mata e afro descendentes uma conexão outra com um mundo descolonizado. **Metodologia:** Apontamos para a impossibilidade de neutralidade na análise dos campos discursivos. Ao levantarmos uma hipótese já estamos estabelecendo um conjunto de formações

discursivas, demonstrando que não há um recorte espontâneo do universo discursivo, como por vezes desejamos na posição de pesquisadores; pelo contrário, temos consciência de que são as práticas articulatórias entre os agentes sociais - e como o pesquisador ver e/ou interage com tais práticas - que darão forma à existência de tais campos. Vale lembrar que, ao trabalharmos com a inexistência de identidades fixas ou naturalizadas (LACLAU, 2011), possibilitamos uma metodologia que se mostra sensível aos movimentos e ritmo da própria experiência empírica. Trabalhar os conceitos a partir dos escritos de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (1987), podemos inferir alguns princípios metodológicos que contribuem decisivamente com nossa estratégia de pesquisa. Como forma de sistematização do que já foi aqui exposto, podemos destacar alguns: 1) A crítica epistemológica à concepção de empiria na perspectiva moderna, pois é necessário se pensar numa ruptura com a ideia de correspondência teórica e prática, onde a teoria faz o papel de representante da realidade/verdade; 2) A TD rompe com a ideia da realidade extradiscursiva, pois esta teoria defende o princípio da inseparabilidade entre as dimensões linguística e extralinguística do discurso; 3) A TD também propõe um abandono da lógica positivista do fazer científico, que estabelece uma criação objetiva de leis universais para “verificar” um fenômeno; 4) Nesse caso, o problema da pesquisa indicará o caminho a ser percorrido metodologicamente, pois será a partir do que emerge do campo empírico que as condições de análises do discurso se fundamentarão. A pesquisa foi realizada na escola Municipal do Recife, entrevistamos várias pessoas de maneira formal e informal durante as visitas na escola dentre elas selecionamos três. As pessoas selecionadas nos provocaram por terem um histórico muito forte com os movimentos sociais negros e indígenas. Além disso, lutam diariamente contra o preconceito por se assumirem negros e negras na sociedade mesmo que alguns não possuíssem a cor negra em suas peles. Foram elas; uma professora que acompanhamos no dia a dia da sala de aula, a contadora de história/bibliotecária da própria escola e a merendeira. Foi realizada uma oficina com as crianças, sobre o Quilombo de Catucá, nesse sentido, a análise do campo segue o princípio de se (re) pensar a possibilidade de Malunguinho estar nas escolas/currículo ou seria ele a inclusão do perigo? **Resultados e discussões:** A factualidade da concepção do mito em conseguir romper com uma visão essencialista do sujeito, possibilita práticas pedagógicas transformadoras; dessa forma, as identidades passam por redefinições e constantes transformações que tornam a construção de um discurso fechado algo pouco confiável. Supor o que o sujeito deve ser e dizer, já nos parece um ato de violência que limita as potencialidades humanas a um único discurso sobre a vida; e isso nos preocupa na condição de educadores. Por isso compreendemos o potencial das religiões de matrizes culturais afro-indígenas como ambientes férteis e descontínuos ao mundo do colonizador, que concebem suas relações interdiscursivas de maneira "única" - e se forjam no calor do próprio jogo e não previamente ao mesmo. Pensamos que é urgente repensar outros espaços potencialmente educativos, espaços para além dos muros da escola. O mito traz consigo este potencial de inaugurar novas lógicas narrativas, e mesmo sendo ele tendencialmente hegemônico, articula como princípio de leitura a construção de novas formações discursivas. Nenhum discurso constituído hegemonicamente é estático; eles estão sempre lutando para permanecer com seu

caráter universal. **Conclusões:** Consideramos que Malunguinho não "entra" na escola ele rompe com ela, por isso acreditamos em versões outras da escola que possibilitem novos ambientes férteis para dar conta da multiplicidade e diversidade existente em nosso país. O outro que evidenciamos aqui, negros e indígenas é o critério da ação ética, pois nele reside o elemento ontológico intangível que nos vincula ao mundo e que nos subtrai dele. Pensamos na alteridade como uma descontinuidade, pois o outro, diferente de mim, evidencia aquilo que ainda não sou; o rosto do outro denuncia minha incomensurabilidade. Acreditamos ser este um diálogo fecundo e criativo e, desde o Brasil colônia promover aos povos da mata outra conexão com um mundo descolonizado, aberto e fértil para a produção de novas subjetividades. Desta forma, é urgente se pensar em outros espaços potencialmente educativos, espaços para além dos muros da escola. Ter em mente essa concepção nos ajuda a buscar práticas educativas desde outra lógica que possa criar condições para rompermos com preconceitos, com o racismo, com a hierarquia de saberes entre outros modelos de fixação dos sujeitos. É importante reconhecermos as potencialidades e capacidades que lhes são negadas diariamente pelo discurso do colonizador; tal potência se demonstra na dimensão do mito como possibilidade de romper com os padrões formais da educação.

Palavras-chave: Educação, Mito, Subjetividade.

Agência de fomento: Bolsa de estudos FACEPE.

Referências:

- LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.
- _____, Ernesto. **Hegemonía y estrategia socialista: Hacia una radicalización dela democracia**. Madrid: Siglo XXI, 1985.
- MACEDO, E. LOPES, A. C. **Currículos: Debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. In: SIGNORINI, Inês (Org). [Re] discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 d.p. 135-156.